

## **A ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA E A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA INCLUSIVA: UM ESTUDO DE CASO.**

Vanessa de Oliveira  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amaralina Miranda de Souza

*Universidade de Brasília - UnB  
Faculdade de Educação - FE  
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE  
ppgedu@unb.br*

### **RESUMO**

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa de mestrado vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília – PPGE-FE-UnB, que tem como objetivo analisar a organização pedagógica de uma escola pública do Distrito Federal direcionada ao atendimento à diversidade de demandas educacionais dos estudantes, considerando o uso das novas tecnologias como recursos de apoio ao processo educativo. A educação inclusiva parte do princípio de que todos podem aprender e para que a aprendizagem se concretize é necessário que a equipe pedagógica esteja alinhada em suas concepções, ações e intervenções. Assim, espera-se que essa equipe, ao aliar seu trabalho aos princípios da educação inclusiva e ao uso de recursos das novas tecnologias, possa avançar no seu fazer pedagógico e estimular a aprendizagem dos estudantes. A metodologia foi de abordagem qualitativa, por meio de um estudo de caso realizado em uma escola pública do Distrito Federal e teve como participantes a equipe responsável pelas ações pedagógicas da referida instituição. Foram utilizadas como estratégias para coleta das informações: análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação simples. Os resultados parciais obtidos indicam que a estrutura pedagógica adequada, com profissionais atuando nas diversas áreas que compõem a equipe pedagógica de uma escola: gestores, coordenação pedagógica, equipe de apoio, atendimento educacional especializado, orientação educacional e professores, contribui com o processo educativo quando, e somente quando, todos sentem-se parte importante de tal processo e utilizam os recursos disponíveis com a intencionalidade pedagógica muito bem definida. É fato que nem mesmo os melhores e mais avançados recursos tecnológicos atendem às necessidades individuais dos estudantes se não forem planejados para esse fim.

Palavras-chave: Organização pedagógica, novas tecnologias, escola inclusiva, processo educativo.

### **INTRODUÇÃO**

A busca, pela homogeneização, ao longo da história, ainda presente nas escolas não é mais possível devido aos avanços nas políticas públicas nacionais que entram em consonância com os apelos mundiais frente às necessidades de uma educação voltada para todos e, conseqüentemente, a valorização da diversidade como condição humana fundamental, que não pode ser ignorada nas escolas contemporâneas. A aprendizagem deve ser um direito garantido a todos, não bastam a frequência ou a integração, entendida como a participação

efetiva de todos os educandos na dinâmica escolar (CARVALHO, 2016, p. 70), o desafio é a garantia da aprendizagem para todos.

Com o processo de inclusão dos estudantes provenientes da Educação Especial na escola regular, essa teve que se ajustar para atender às necessidades desse público e toda a diversidade comportada entre seus muros. De acordo com a Declaração de Salamanca “o princípio fundamental da escola inclusiva consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades ou das diferenças que apresentem” (UNESCO, 1994, p. 11).

Para que todos tenham acesso à educação é necessário que a qualidade no ensino seja construída a partir de estratégias pedagógicas eficazes, tendo como recurso de apoio as tecnologias disponíveis no espaço escolar utilizadas com propósitos educativos significados a partir das necessidades educacionais específicas dos estudantes. Nessa perspectiva, o uso das tecnologias deve estar adequado ao tipo de conhecimento que se espera construir, portanto, não pode ser negligenciado e subestimado (RAIÇA, 2008, p.20).

Frente aos desafios propostos pela inclusão e pela utilização das novas tecnologias na escola regular, este estudo propõe-se a investigar: como a organização pedagógica de uma escola se articula para atender às demandas educacionais de todos os estudantes, considerando o uso das novas tecnologias como recursos de apoio ao processo educativo?

Freire (2005) em sua concepção dialógica de educação libertária inspira a necessidade de que seja criada uma escola onde se paute pelo diálogo, questionamento e compartilhamento de saberes, ideia referendada por Morin (2011) e Vasconcellos (2013). As autoras Mantoan (2013; 2015) e Carvalho (2014; 2016) defendem a inclusão total dos estudantes e Moran, Masetto e Behrens (2012), Raiça (2008) e Kenski (2012), enfatizam um trabalho que valorize a diversidade e tenha o uso de tecnologias como o grande facilitador desse processo.

É possível perceber que muitos educadores e pesquisadores nacionais e internacionais têm sistematizado seus discursos e pesquisas na luta pela educação e aprendizagem de todos, segundo os postulados da Declaração Universal dos Direitos Humanos (ONU, 1948), da Declaração Mundial sobre Educação para Todos (UNESCO, 1990) e demais processos desencadeados após estas propostas, tais como: Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994), Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), A Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) entre outros.

Entender como a escola de Educação Básica – anos iniciais, se organiza a partir de todos os preceitos que lhes são outorgados é essencial para compreender como a educação se constrói dentro dos muros escolares. Para um melhor entendimento sobre os sucessos, avanços e retrocessos da educação, é preciso ir além dos números, é urgente identificar como esses números são construídos a partir de uma realidade concreta.

Ao se integrar o conhecimento teórico produzido na academia ao que acontece no chamado “chão da escola” é possível construir uma nova realidade onde todos se transformam. A construção de um saber dialógico entre estes dois universos, por vezes tão distintos, pode culminar na mudança da sociedade que tanto se almeja, uma vez que as percepções e os olhares se ampliam. Acredita-se que uma pesquisa focada na organização da escola tem potencial para compreender os meandros do trabalho em favor da aprendizagem, contribuindo com a comunidade escolar de forma a evidenciar as potencialidades e superar as dificuldades. O contato com a realidade escolar propicia aos pesquisadores e à academia de forma geral, percepções e informações de como a teoria se constrói na prática, do quanto é viável transformar, em termos efetivos. Assim, é possível sistematizar as informações obtidas e organizar intervenções que possam contribuir com o processo educacional.

Diante do exposto, o estudo em andamento tem como objetivo geral analisar a organização pedagógica de uma escola pública do Distrito Federal direcionada ao atendimento à diversidade de demandas educacionais dos estudantes, considerando o uso das novas tecnologias como recursos de apoio ao processo educativo. Os objetivos específicos são: Compreender a organização das escolas públicas do Distrito Federal e a inserção da perspectiva inclusiva nesta organização, analisar como a organização pedagógica da escola se articula para favorecer a aprendizagem de todos os estudantes e investigar o uso dos recursos das novas tecnologias na rotina pedagógica da escola.

## METODOLOGIA

A metodologia está caracterizada como uma pesquisa de abordagem qualitativa pela necessidade de se compreender um fenômeno a partir do local onde ele ocorre e considerando a percepção dos sujeitos envolvidos neste processo (CRESWELL, 2010).

Uma pesquisa qualitativa, de acordo com Creswell (2010, p. 26) “é um meio para explorar e para entender o significado que os indivíduos ou os grupos atribuem a um problema social ou humano”.

Diante do exposto, o estudo de caso foi a estratégia de pesquisa escolhida, pois tem como característica essencial o fato de “sempre envolver uma instância em ação” (ANDRÉ, 2008, p. 15). O estudo de caso do tipo etnográfico é aquele que enfatiza “o conhecimento do singular e adicionalmente que preencha os requisitos da etnografia” (ANDRÉ, 2008, p. 24).

A autora indica as características da pesquisa etnográfica, que serão observadas no estudo de caso do tipo etnográfico: *relativização* – onde o pesquisador se distancia da situação investigada para compreendê-la em sua complexidade, mas, ao mesmo tempo, interage com a situação, “afetando-a e sendo afetado” (ANDRÉ, 2008, p. 26); *realizar a coleta de dados em campo* – atitude que aproxima o pesquisador dos sujeitos e desenvolve um contato direto por meio dos instrumentos e procedimentos escolhidos; *descrição densa* – quando, além do que foi objetivamente coletado, são descritas as percepções dos sujeitos, os significados que eles atribuem ao contexto em que estão inseridos; *o pesquisador é o principal instrumento* na coleta e na análise dos dados, tornando a pesquisa ainda mais aberta e dinâmica.

A pesquisa foi realizada em uma escola pública do Distrito Federal, com estrutura pedagógica voltada para o atendimento educacional especializado: sala de recursos, equipes de apoio e coordenador pedagógico, assim como infraestrutura para o uso de tecnologias de apoio ao processo de ensino e aprendizagem, tais como Laboratório de Informática.

Os sujeitos de pesquisa foram os integrantes da equipe pedagógica da escola, definida pelo Regimento Interno da SEEDF (2015):

Equipe gestora: diretor, vice-diretor e supervisor pedagógico;

Coordenador pedagógico;

Equipe especializada de apoio à aprendizagem – EEAA – pedagogo e psicólogo;

Pedagogos do Atendimento Educacional Especializado/Sala de Recursos – AEE;

Orientador educacional.

Os professores regentes de classe e que atuam no laboratório de informática também constituíram-se como sujeitos da pesquisa, uma vez que são parte integrante imprescindível do fazer pedagógico da escola e estão em contato direto com os estudantes, cujas orientações da equipe de organização pedagógica da escola deve considerar para favorecer o processo de aprendizagem dos alunos.

As estratégias que possibilitaram a coleta de dados neste estudo serão: análise documental, entrevistas semiestruturadas e observação simples.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a realização das observações e das entrevistas, com base nos dados parciais analisados é possível apontar elementos nos quais indicam que a equipe pedagógica da escola está praticamente completa, uma vez que conta com: diretora, vice-diretora, duas coordenadoras pedagógicas, EEAA – Equipe Especializada de Apoio à Aprendizagem, com uma pedagoga lotada na escola e uma psicóloga itinerante que atende outra IE; uma orientadora educacional e uma pedagoga da Sala de Recursos. Essa estrutura atende uma Escola Classe de Sobradinho, região administrativa de Brasília.

A escola é composta por 02 Classes Especiais/pré-inclusivas, 07 turmas de Integração Inversa, 03 classes comuns inclusivas e 08 classes comuns. Conta com 391 alunos, dentre eles, 15 são alunos com Necessidades Educacionais Especiais – ANEE's, 10 com Transtornos Funcionais Específicos (DPAC, Dislexia e TDAH) e 5 alunos com Outras Necessidades (ON)<sup>1</sup>.

A estrutura física da escola é composta por 10 salas de aula; 1 laboratório de informática, que divide espaço com a biblioteca, separadas por uma divisória; 1 sala de recursos; 1 sala de direção; 1 sala onde compartilham o espaço coordenação pedagógica, assistência administrativa e secretaria; 1 sala adaptada, onde antes era um banheiro, para a Equipe de Apoio e SOE, que também compartilham o espaço. Há outros espaços como banheiros, cantina, copa, pátio central e espaço kids, para atividades de psicomotricidade.

O corpo docente é formado por 25 professores efetivos, todos graduados em Pedagogia. Destes, 20 cursaram especialização, 01 cursou mestrado e 01 cursou doutorado em Educação. Fazem parte da equipe 04 professores de contrato temporário e uma servidora readaptada que atende a biblioteca e laboratório de informática e 1 psicóloga itinerante.

A rotina da escola apresentou-se bastante atribulada nos meses de maio e junho uma vez que a direção chegou à escola na condição de interventora, pois no ano anterior não houve candidatos da escola para concorrer ao cargo. Após seis meses a equipe gestora foi legitimada pelo voto da comunidade escolar em eleições coordenada pela Secretaria de Educação do DF e agora segue na gestão da escola. Foi constatado que esta circunstância afetou a rotina da escola e muito diretamente o trabalho da equipe pedagógica.

---

<sup>1</sup> Fonte: Mapeamento Institucional – 2017 elaborado pela EEAA e fornecido pela pedagoga da instituição.

Neste período da pesquisa aconteceram ajustes de calendário, mas nada que comprometesse os objetivos. Com a realização das entrevistas foi possível perceber que essa rotina atribulada afetou o trabalho docente, sendo que alguns professores declararam sentirem-se sozinhos no trabalho de sala de aula, sobretudo no atendimento aos alunos que apresentam maiores dificuldades, sejam eles Alunos com Necessidades Educacionais Específicas – ANEE’s ou não. Ainda que outros expressem que sentem-se apoiados quando manifestam suas necessidades, de maneira geral os professores indicam que sentem a necessidade de mais apoio e de uma escuta individualizada sobre suas turmas.

Quando questionados sobre a Educação Inclusiva, os professores se pronunciam totalmente a favor. No entanto, suas concepções sobre o que seja uma escola inclusiva são distintas. Enquanto para alguns a escola inclusiva é aquela que tem sua estrutura voltada para o atendimento dos alunos ANEE’s, outros a entendem como um espaço que acolhe e aceita a diferença do ser humano, com suas singularidades. Há registro de uma professora que considera que o fato de se ter uma ‘inclusão’ já é um fator excludente, porque diferencia, porque evidencia uma parte, ao invés de simplesmente considerar a diversidade humana e as necessidades singulares de cada sujeito. Outros entrevistados referem-se à escola inclusiva como espaço de socialização e que, por vezes cumpre com essa parte, mas deixa a desejar quando questão da aprendizagem e da cognição entram em cena.

Um dos fatores preponderantes observados foram as concepções diferenciadas onde a maioria dos professores deixa claro que faltam recursos humanos, físicos e estruturais para que a escola dê conta de atender de maneira inclusiva todos os seus alunos, pontuando que será necessário a criação de espaços diversificados, atendimento especializado em artes e educação física. Outra entrevistada afirma que *“a inclusão não passa de colocação de alunos na escola, sem que para isso haja uma estrutura voltada para esse atendimento”*.

Nessa perspectiva pode-se ponderar se essa equipe compreende realmente a escola inclusiva e que concepção que norteia o seu trabalho na escola?

A partir desses questionamentos, pode-se inferir que a inclusão, apesar de ser discurso recorrente nos documentos e falas dos profissionais, ainda não está plenamente consolidada nas práticas educacionais da escola, fato que pode ser pensado e discutido nos momentos de coordenação pedagógica coletiva. Espaço/tempo destinado à formação em serviço.

Todos os entrevistados afirmaram que a utilização de recursos tecnológicos digitais na escola é essencial, sobretudo como recursos de apoio ao processo de aprendizagem, no entanto, o que ocorre na prática é que alguns professores utilizam

os recursos disponíveis na escola unicamente como recreação e descanso para os alunos. Os demais, que utilizam os recursos do Laboratório o fazem como complemento pedagógico e delegam a seleção das atividades que serão realizadas à atendente do laboratório, que o determina de acordo com conversas esporádicas com os professores, que indicam os conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula. Nenhum entrevistado declarou acompanhar e selecionar as atividades de maneira constante e planejada, tanto no Laboratório de informática, quanto em sala de aula. As evidências, de acordo com os relatos, apontam para a falta de espaço e de máquinas que acaba por afetar o atendimento.

Durante as observações foi possível identificar momentos preciosos que poderiam ter gerado aprendizado nos estudantes, com apenas uma pequena intervenção do professor. As atividades são ricas em possibilidades de aprendizagem, os alunos estão motivados a realizá-las, a construir a própria aprendizagem, entretanto não há uma estratégia para potencializar esta oportunidade no processo de aprendizagem dos alunos. Compreende-se que sendo a tecnologia um importante recurso de apoio, é preciso que os educadores desenvolvam a consciência de que este recurso deve ser utilizado de maneira consciente e planejada a fim de cumprir com o objetivo de ser um meio facilitador de aprendizagem, mas que é imprescindível a presença atuante do professor, do seu olhar atento e das suas intervenções. Nenhum recurso tecnológico, nem o melhor espaço físico poderá substituir o olhar atento daquele que propõe a contribuir com o processo educativo.

#### ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Muito embora os resultados já apontem elementos a cerca da questão buscada no estudo, qual seja compreender como a organização pedagógica de uma escola se articula para dar respostas às demandas educacionais dos estudantes, considerando o uso das novas tecnologias como recursos de apoio ao processo de aprendizagem, espera-se concluir os estudos com os dados e elementos analisados para uma compreensão da realidade estudada e, mais que isso, identificar elementos de que possam contribuir para a compreensão efetiva dos indicadores concretos que vislumbrem, por meio da realidade identificada, alternativas e soluções para uma efetiva organização pedagógica que favoreça a utilização das novas tecnologias e a participação e aprendizagem de todos os estudantes, em um processo educativo que prime pela construção dialógica do saber.

## REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. *Estudo de Caso em Pesquisa e Avaliação Educacional*. Série Pesquisa. 3. ed. Brasília: Liber Livros, 2008.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*, n. 9.394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília: Congresso Nacional, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm)>. Acesso em: 15 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. *Lei n. 12.796/2013* de 4 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112796.htm)>. Acesso em: 28 jan. 2017.

CARVALHO, Rosita Edler. *Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico*. 6. ed. Porto Alegre: Mediação, 2014.

\_\_\_\_\_. *Educação Inclusiva: com os pingos nos "is"*. 11. ed. Porto Alegre: Mediação, 2016.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Traduzido por Magda França Lopes. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação. *Portaria n. 15* de 11 fev. 2015. Aprova o Regimento Interno das Instituições Educacionais da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. DODF n. 41. Seção 1. P. 6. Brasília: SEEDF, 27 fev. 2015. Disponível em: <[http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2015/02\\_Fevereiro/DODF%20N%C2%BA%2027%20de%2005-02-2015/Se%C3%A7%C3%A3o01-%20027.pdf](http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial/2015/02_Fevereiro/DODF%20N%C2%BA%2027%20de%2005-02-2015/Se%C3%A7%C3%A3o01-%20027.pdf)>. Acesso em: 24 set. 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. (Org.) *O desafio das diferenças nas escolas*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

\_\_\_\_\_. *Inclusão escolar – O que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Summus, 2015. Kindle Edition.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 20. ed. Campinas: Papirus, 2012.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva, Jeanne Sawaya. 2. ed. Ver. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2011.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E CULTURA. *Declaração Mundial Sobre Educação Para Todos: satisfação das necessidades básicas de aprendizagem*. Jomtien-TH: UNESCO, 1990. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2016

\_\_\_\_\_. *Declaração de Salamanca: sobre princípios, política e práticas na área das necessidades educativas especiais*. Salamanca-ES: UNESCO, 1994. Disponível em: <[http://redeinclusao.pt/media/fl\\_9.pdf](http://redeinclusao.pt/media/fl_9.pdf)>. Acesso em 28 maio 2016.

RAIÇA, Darcy (org.). *Tecnologias para a Educação Inclusiva*. São Paulo: Avercamp, 2008.

VASCONCELLOS, Celso dos S. *Coordenação do trabalho pedagógico: do projeto político-pedagógico ao cotidiano da sala de aula*. 15. ed. São Paulo: Libertad, 2013.